

Constância. Museu deve abrir em breve

A longa espera da Casa-Memória de Camões

Faltam 65 mil euros para projecto, iniciado há mais de 50 anos, ficar pronto

MÁRIO RUI FONSECA, Abrantes

O carteiro chega com más notícias. O Ministério da Cultura não parece disposto a financiar as obras que faltam para que a Casa-Memória de Camões (CMC), em Constância, possa abrir ao público e a missiva serve para o justificar. "Mas elogiam o trabalho desenvolvido", realça Manuela de Azevedo, presidente e fundadora da CMC, que bebe do elogio alento para prosseguir a obra iniciada.

Falta pouco para que o sonho da jornalista e escritora se cumpra. É preciso apenas pôr as portas, painéis e vitrinas expositivas, e comprar as estantes que poderão receber os mais de oito mil livros que as duas bibliotecas (uma geral, outra camonianiana) vão albergar. "Faltam 65 mil euros", precisa, para poder colocar ao serviço do público e dos estudiosos de Camões um património avaliado em mais de um milhão de euros.

É no seu pequeno escritório, no meio de centenas de livros, já catalogados com etiquetas verdes e as letras CAM, de Camões, que Manuela de Azevedo, 95 anos, fala do projecto que tenta tornar realidade desde 1952, quando uma iniciativa de Adriano Burguete e da Casa do Ribatejo despertou a atenção da jornalista do *Diário de Lisboa* (e, mais tarde, do *Diário de Notícias*).

"As ruínas estavam em risco de ser transformadas numa oficina de bate-chapas", recorda. As duas reportagens que escreveu sobre o assunto "serviram para suspender o negócio". Mas só após o 25 de Abril foi possível comprar a casa, "por cem contos", e avançar com a constituição de uma associação que se dedicasse a angariar fundos para a edificação de museu.

As obras levaram mais de 30 anos, conheceram três projectos e a assinatura de uma dezena de arquitectos. Um suplício que foi amenizado quando, recentemente, a casa foi



Manuela de Azevedo, presidente do CMC, não desiste do sonho

Festa das Pomonas

Leitura de poemas, teatro, música, feira de antiguidades, lançamento da colecção de gravuras *Ninfas do Tejo*, exposição e venda de frutos e flores são alguns das iniciativas da **festa Pomonas Camonianas**, que começaram sexta-feira e terminam hoje em Constância. A Pomona era a deusa grega das flores e dos frutos

classificada como "imóvel de interesse público". No entanto, Manuela de Azevedo sonha mais alto: "Pretendo que seja património nacional."

Enquanto as obras decorriam, foram realizadas outras iniciativas: exposições de arte da época dos Descob-

brimentos, dez edições do Fórum Internacional de Estudos Camonianos. Criou-se o Jardim-Horto de Camões, com a flora representada na obra do poeta, e começaram a festejar-se, a 10 de Junho, as Pomonas Camonianas (Pomona era a deusa grega das flores e dos frutos).

De todas as actividades, a presidente da CMC fala com entusiasmo, como se não esperasse há mais de meio século pelos apoios para concretizar a obra. Como se não tivesse 95 anos. Abatida pelo recente falecimento da irmã, não estará hoje em Constância para os festejos em honra do poeta. Pode ser que, por ela, que também escrevia versos (o seu *Claridade*, de 1935, tem prefácio de Aquilino Ribeiro), os mais jovens relembrem a sua dedicação e trabalho. ■